



Um Pouco de Nós

Estamos juntos há trinta e seis anos, compartilhando nossas vidas, e tudo o que temos vivido desde o dia em que nos conhecemos é a dois. Todos os sonhos, experiências, frustrações, vitórias, alegrias, tristezas, conquistas materiais e espirituais são sempre resultado da energia que emanamos juntos. Mesmo em situações em que estamos envolvidos individualmente, é clara a participação do outro pois, estejamos onde estivermos e com quem estivermos, sempre haverá a referência do outro evidenciando a forte ligação que há entre nós.

Decidimos há muitos anos que caminharíamos também juntos nesta vida, no que se refere à busca do crescimento espiritual, o que nos levou ao longo do tempo a frequentar cursos e grupos de estudos esotéricos, que são a nossa área de interesse. E, nesse campo, raras foram as vezes que algo interessou a um e não a outro.

Era o ano de 1990. Tínhamos nos transferido recentemente de Recife para São Paulo e estávamos morando em Alphaville, uma área de condomínios nos arredores da capital. Participávamos de um grupo de estudos que se reunia uma vez por semana. Numa dessas reuniões surgiu a idéia de fazermos uma viagem ao Peru para conhecermos a cidadela mística de Machu Picchu, que para muitos foi o centro espiritual do império Inca.

Fiquei incumbido de pesquisar sobre o assunto. Como naquela época a Internet ainda estava engatinhando, fui buscar informações em revistas e agências de turismo. Um dia, quando me encontrava na sala de espera de um consultório médico folheando uma daquelas revistas velhas, que nem de turismo era, me deparei com uma reportagem sobre o Caminho de Santiago de Compostela. A peregrinação era descrita como “uma viagem mística aos tempos medievais” e mostrava, entre várias fotos, uma da igreja templária de Eunate, um dos mais intrigantes monumentos do Caminho. Isso foi suficiente para despertar a minha curiosidade e me fazer querer conhecer mais sobre esse tal “Caminho de Santiago”. Conversei com Rosana e, daquele dia em diante, começamos, ainda meio sem querer, a nos interessar mais pelo assunto e a

ler tudo sobre essa que é uma das mais importantes rotas de peregrinação do mundo. Também, a partir daquela reportagem, e das leituras subsequentes começamos aos poucos a mudar nossos planos de viagem. Tudo indicava que não iríamos mais para o Peru e sim para a Europa caminhar cerca de oitocentos quilômetros por um caminho medieval que se estende desde os Pirineus, na fronteira entre França e Espanha até Santiago de Compostela, quase no oceano Atlântico. Iríamos embarcar na aventura de trilhar o Caminho Francês, o mais tradicional dos muitos caminhos que levam a Santiago de Compostela e que tem origem numa lenda do século VII, que fala sobre a descoberta do túmulo do Apóstolo Tiago Maior por um pastor espanhol.

A viagem a Machu Picchu não foi cancelada, mas, de algum modo, sentíamos que antes dela teríamos que fazer o Caminho de Santiago. Estávamos somente mudando nossos planos de viagem do Peru para a Espanha, e para nós isso era coisa simples.

Continuei fazendo as pesquisas para a viagem ao Peru e, algum tempo depois, com praticamente toda a programação feita e os amigos do grupo de estudos animados com a viagem, o destino começou, mais uma vez, a mudar o rumo de nossas vidas. Nós já estávamos acostumados com isso, pois desde que nos conhecemos a nossa vida sempre foi uma sucessão de “acazos” que, sem que ao menos percebêssemos, mudavam tudo da noite para o dia. Parece que o destino vive nos avisando que o comando é dele e que a única opção que temos é aceitar as peças que ele nos prega. E nós sempre aceitamos, e de bom grado. Basta dizer que, desde que nos casamos, mudamos de residência umas vinte vezes, e não pense que são mudanças pequenas, pois são verdadeiras maratonas. Entre os anos de 1988 e 1992, por exemplo, fizemos cinco mudanças: Niterói – Salvador – Recife - São Paulo – Salvador - Niterói. Isso tudo carregando malas, cuias, sonhos, esperanças e três filhos pequenos!

Dessa vez a reviravolta veio através de um telefonema do diretor da empresa em que eu trabalhava, com sede em Salvador, convocando-me para uma reunião urgente. Qual não foi a minha surpresa quando, na reunião, fui informado de que a divisão que eu gerenciava iria se transformar em uma nova empresa do grupo e que eu seria um dos seus diretores. Evidentemente que a sede da nova empresa seria em Salvador, de onde tínhamos saído há menos de dois anos e para onde deveríamos voltar em um mês.

Esse acontecimento mudou completamente todos os nossos planos de férias e, menos de trinta dias após a tal reunião, lá estávamos Rosana, eu e as crianças, morando em Salvador, e os planos de conhecer Machu Picchu adiados para sabe-se lá quando.

Não ficamos tristes nem surpresos por não termos viajado, pois já sabíamos que aquela viagem não seria feita, pelo menos naquele momento.

A partir de então começaram a surgir as “coincidências” e o assunto Caminho de Santiago passou a fazer parte do nosso dia-a-dia. Estávamos sendo atraídos, o Caminho estava nos chamando, com insistência, pois a todo o momento nos víamos diante de matérias em jornais, revistas e programas de televisão. Até que caiu em nossas mãos o livro “O Diário de um Mago”, do escritor Paulo Coelho, que definitivamente nos colocou no Caminho.

Dali até o dia em que embarcamos para a Espanha foram quinze anos de leituras, preparações, expectativas, frustrações, falta de tempo, falta de dinheiro, falta de ambos, até que o sonho se tornasse realidade.

Fazer o Caminho de Santiago de Compostela foi, sem dúvida, a maior e melhor aventura de nossas vidas. E tivemos que exercitar muito a paciência, a perseverança e manter sempre acesa a esperança de poder caminhar pelas trilhas medievais do tradicional Caminho Francês.

Não nos moveu o motivo religioso no sentido estrito da palavra, e sim o espiritual. O nosso grande objetivo era fazer uma viagem interior, caminhar para dentro, olhar nos espelhos de nossas almas, nos encontrarmos com o Pedro e a Rosana que, então aos 54 e 49 anos, ainda conhecíamos pouco e tentamos entender melhor o que viemos fazer nesta vida. Eram muitas as perguntas e, até aquele momento, muito poucas, superficiais e insatisfatórias as respostas.

É claro que sabíamos que poderíamos fazer tudo isso caminhando por outros lugares sem precisar sair do Brasil, mas queríamos conhecer e sentir a energia deixada por milhares de peregrinos, vivenciar as experiências, encontrar pessoas, conhecer lugares, enfim, viver o Caminho. Esperávamos que a peregrinação fosse, na verdade, uma grande meditação.

Tivemos muito tempo para nos preparar e sabíamos quase tudo sobre a peregrinação, mas lá no fundo também tínhamos a estranha sensação, e gostávamos dela, de que todo o planejamento seria perdido logo nos primeiros dias e que ficaríamos entregues ao caminho. E foi o que aconteceu. Então nos entregamos durante trinta e quatro dias a essa fantástica aventura, deixando que o caminho nos levasse e ele nos levou direto para dentro de nós mesmos.

Não ficamos nenhum dia sem caminhar, sempre juntos, dividindo as experiências e as visões do caminho no mesmo instante em que aconteciam e tirando delas nossas impressões pessoais, que depois foram mescladas e resultaram neste livro. Apesar de sermos fascinados pela história do Caminho, pelas lendas medievais, pelos Templários e seus mistérios, esses assuntos serão pouco abordados neste livro. Nosso

objetivo é relatar fatos e compartilhar emoções. As emoções que sentimos e vivemos caminhando ao longo daqueles oitocentos quilômetros, desde Saint Jean Pied de Port, nos Pirineus Franceses, até Santiago de Compostela, na Galícia, Espanha.

Chegando a Saint Jean Pied de Port

Uma Visitante Inesperada

Existem na Europa muitas rotas de peregrinação que levam a Santiago de Compostela. Uma grande parte delas converge para uma cidadezinha situada no lado francês dos montes Pirineus, a apenas alguns quilômetros da fronteira com a Espanha, chamada Saint Jean Pied de Port. Por este motivo, muitas pessoas começam ali a sua peregrinação, o que acabou por marcar o lugar como o ponto inicial da tradicional rota francesa para milhares de peregrinos ao longo dos séculos.

Saint Jean tornou-se famosa por ter sido passagem das tropas do Imperador Carlos Magno na sua mal sucedida incursão armada na Espanha no final do século VII. Numa das batalhas dessa incursão, a batalha de Roncesvalles, quando o exército de Carlos Magno batia em retirada, aconteceu o episódio que deu origem à famosa Canção de Rolando, a primeira canção da literatura cavaleiresca medieval. Muitos séculos mais tarde, por ali também passaram as tropas de Napoleão Bonaparte nas suas lutas pela conquista de boa parte da Europa.

Toda a nossa programação estava feita para começarmos em Roncesvalles, primeiro destino do caminho em território espanhol, onde chegamos de ônibus, no início da noite, vindos de Pamplona. Embora soubéssemos que o trecho Saint Jean Pied de Port/Roncesvalles era muito difícil e que não estávamos seguros de que teríamos condições físicas de percorrê-lo sem prejuízos ao resto do percurso, deixamos aberta a possibilidade de iniciarmos em Saint Jean, caso as condições climáticas estivessem favoráveis no dia em que chegássemos. E estavam. O dia estava lindo, o céu azul, sem nenhuma nuvem, a temperatura agradável e sem vento. Mas mesmo assim eu ainda achava que devíamos começar de Roncesvalles e tentei mostrar à Rosana que talvez não valesse a pena o sacrifício de caminharmos cerca de vinte e oito quilômetros, quase todos em subidas fortes. Ela aceitou, mas ficou meio frustrada.

Seguimos então para a fila do albergue. Estávamos aguardando a nossa vez de carimbar as credenciais, o documento oficial do peregrino, espécie de passaporte

que deve ser carimbado, no mínimo, em todos os locais onde ele pernoitar, quando alguém gritou avisando que uma van estava de saída para Saint Jean Pied de Port. Rosana se animou e voltou a insistir para irmos. No impulso, saímos da fila correndo e embarcamos na van.

O veículo começou a descer a montanha em meio a uma paisagem belíssima, mas eu estava tão atento à descida que pouco aproveitei da paisagem. Era uma descida muito íngreme e longa, e eu não conseguia deixar de pensar na dificuldade que seria subir aquilo tudo no dia seguinte. Embora o Caminho não utilizasse aquela estrada, o seu traçado não poderia ser muito diferente daquele. Na verdade eu estava com medo de não aguentarmos o esforço, e falei para Rosana que achava que tínhamos feito uma loucura. Ela respondeu, sorrindo e cheia de confiança, que não tinha mais jeito, que já era tarde para arrependimentos e que só nos restava relaxar e aproveitar a viagem. Eu até que tentei...

Quando chegamos a Saint Jean, o albergue municipal já estava lotado e tivemos que ficar em um particular, uma construção velha e escura. O hospitaleiro, um francês grandalhão chamado Jean, nos recebeu com sorrisos e gentilezas. O homem aparentava ter tomado uns goles a mais de vinho, pois estava com o rosto muito vermelho, rindo à toa e falando como se a língua fosse maior do que a boca.

No trajeto para o albergue, encontramos pela primeira vez com Hernán, um jovem argentino de Córdoba que estava fazendo o caminho desde Lourdes e que mais tarde iria se tornar um dos nossos grandes amigos e com quem iríamos estar juntos por quase todo o caminho.

Saímos para conhecer a cidade e comprar nossos cajados, mas o comércio já estava fechado e voltamos logo para o albergue, sem ao menos comer, pois começou a soprar um vento frio e a temperatura baixou muito. A única vantagem que tiramos de termos ficado nesse albergue privado foi a de dormirmos em um quarto só para nós, com cama de casal. Apesar do frio que fazia, deixamos uma parte da janela aberta, pois o quarto era meio úmido e cheirava a mofo. Rosana dormiu logo, pois como boa libriana, estava tranquila, calma e com uma confiança inabalável de que a peregrinação seria só um pouquinho mais difícil do que as nossas caminhadas diárias no Forte Imbuí, em Niterói, onde fizemos a nossa preparação. Mas eu praticamente não preguei o olho, com frio, fome, ansiedade e dificuldade de me ajeitar dentro do saco de dormir. Passavam pela minha cabeça os anos de preparação, as leituras, as imagens inventadas a partir de relatos de outros peregrinos, os meses de treinamento... Tudo se misturava num turbilhão que não havia sono que pudesse acalmar. O máximo

que consegui foram alguns cochilos, e justamente num deles, acordei com o quarto iluminado. Quando olhei para a janela, lá estava, no céu, uma lua cheia lindíssima, enorme, que iluminava o quarto como se fosse dia! Acordei a Rosana para ver também e ficamos deitados, agora já não querendo mesmo dormir, banhados pelo luar e admirando aquela visitante inesperada, até que ela saiu do nosso campo de visão restrito ao quadrado da janela.

Era incrível como aquela viagem estava mexendo comigo. Eu sempre fui uma pessoa segura e confiante. Sempre acreditei na minha capacidade de superar problemas e vencer desafios. Às vezes até abusava dessa confiança e da sorte que sempre tive. Mas aquilo estava sendo diferente, eu não conseguia me sentir no comando da situação. A expectativa em relação aos acontecimentos que viriam estava me deixando confuso, apreensivo, temeroso. Rosana, que me conhece como ninguém, estava há dias tentando me acalmar, mas tudo o que eu queria era começar logo a caminhar para “sentir” o Caminho, interagir com ele e assim, quem sabe, poder me acalmar e relaxar.



Saint Jean - Roncesvalles

As Primeiras Lições

Acordamos, ou melhor, levantamos e ainda estava escuro lá fora. Arrumamos rapidamente as nossas coisas e nos enchemos de roupas, pois estava muito frio. Tomamos café, e saímos acompanhados pelo Miguel, um jovem espanhol que tínhamos conhecido na van. Passamos por uma padaria que estava abrindo as portas e compramos um pão grande e quentinho que, junto com umas barras de cereais, seria o nosso almoço do dia.

Na noite anterior tínhamos combinado de fazer um pequeno ritual na Porte D'Espagne, onde o caminho inicia. Pretendíamos rezar, meditar, recolher algum objeto (uma folha, uma pedra) e levar conosco por todo o caminho, mas nada disso aconteceu. O lugar era completamente diferente do que tínhamos idealizado e não percebemos nada que indicasse que ali, para milhares de pessoas ao longo de séculos, tem sido o início de uma das mais importantes rotas de peregrinação do mundo. Então, exatamente às sete horas da manhã de um dia lindo, com céu azul e incrivelmente límpido, cruzamos a Porte D'Espagne e iniciamos a nossa peregrinação como se estivessemos passando por um lugar qualquer.

Optamos por seguir pela Rota de Napoleão (como fazem praticamente todos os peregrinos), já que a Rota Valcarlos, aberta pelo exército de Carlos Magno há doze séculos, é muito mais difícil do que a já difícil Rota de Napoleão. Subimos os primeiros cinco quilômetros por uma estradinha estreita e asfaltada e, à medida em que nos distanciávamos, íamos vendo Saint Jean ficar menor, parecendo uma maquete, até que sumiu numa das curvas da estrada. Logo chegamos a um lugarejo chamado Huntto, um dos dois únicos pontos de apoio desse trecho, sem dificuldades, apenas um pouco cansados e com calor. Eu estava me sentindo trêmulo, certamente devido à pouca alimentação e à noite praticamente insone. Logo chegaram outras pessoas, entre elas dois franceses, umas figuras, que foram logo se deitando no chão para fazer alongamento (pareciam cachorros se coçando). Um deles, quando soube que éramos brasileiros, fez

uma gozação conosco sobre a Copa do Mundo da França e depois começou a dançar, numa referência ao nosso carnaval. Dali em diante, sempre que nos encontrávamos ele gritava “alè, brèsieliens” e dava uns passinhos de dança, com direito a dedos indicadores levantados, no melhor estilo “sem jeito mandou lembranças”. Começamos ali a vivenciar uma das grandes experiências do caminho, que é a comunicação entre os peregrinos. Não importa a sua origem ou o idioma que você fala, sempre haverá um jeito de se comunicar com os seus parceiros de aventura. E para isso vale tudo, desde o uso da palavra, passando pela mímica, tradutores, até passinhos de dança...

Quando os outros partiram, resolvemos ficar mais um pouco descansando, pois os meus tremores não tinham passado totalmente. Aproveitamos para antecipar o almoço e comer o pão que tínhamos comprado, na esperança de repor as energias. Comi o pão quase todo, repus as energias e retomamos o passo. Mas a subida era forte. Andamos cerca de quinhentos metros, saímos do asfalto e pegamos uma trilha estreita subindo pela borda de um morro que não acabava nunca e que nos levou ao albergue de Orisson, o segundo e último ponto de apoio dessa etapa. É um lugar muito bonito, com um deck sobre a montanha e uma vista deslumbrante. Aliás, o desgaste causado pela dificuldade desse trecho só é compensado pela paisagem, que é de tirar o fôlego e só não tira porque o esforço da caminhada se incumbe disso.

Continuamos a subir, só que a partir dali enfrentando uma ventania insuportável. O vento incessante e frio estava rachando os nossos lábios e era forte o suficiente para nos jogar no chão se não tomássemos cuidado. Seguimos caminhando com a Rosana atrás de mim para que o vento não batesse diretamente nela.

Já estávamos muito cansados e sem fôlego quando tivemos a idéia de, a cada cinquenta passos, pararmos e fazermos um exercício de respiração. Fomos conseguindo progressos, logo passamos a parar a intervalos de cem passos e em pouco tempo transpusemos um longo trecho e alcançamos o alto da montanha, onde encontramos uma estátua da Virgem, e de onde se tem uma bela vista dos picos mais altos e nevados dos Pirineus ao longe. Mais adiante, em meio a um gramado, encontramos um mirante com uma cruz de pedra muito antiga, repleta de objetos deixados pelos peregrinos (fitas, mensagens, cordões, terços, fotografias, meias, camisetas...). Paramos para descansar, deitamos na grama, tiramos nossas botas e ficamos admirando aquela imensidão verde lá embaixo. O céu estava absolutamente azul e o sol, apesar de forte, não nos incomodava, pois o vento frio não deixava. Deitados sob o sol, ao lado de um monumento ali fincado há muitos séculos, relaxamos, conversamos, demos risadas, até nos esquecemos das agruras da subida.

Enquanto descansávamos, passou por nós uma mulher que parecia estar extremamente cansada, andando muito devagar. Sentou-se numa pedra e, quando nos aproximamos, ela pediu um pouco d'água. Eu só tinha um dedo d'água na garrafa e a Rosana também, mas a moça, que era portuguesa, estava tão cansada e com tanta sede que bebeu as nossas últimas reservas sem nenhuma cerimônia. Informamos a ela que a Fonte de Roldán, a única com água potável em todo o trajeto, estava a apenas quinhentos metros à frente e seguimos, preocupados com a portuguesa. Bem próximos à fonte, passamos por um marco de pedra que assinala a fronteira entre a França e a Espanha e, logo a seguir, por outro que informa aos peregrinos que faltam “apenas” 765 km até Santiago de Compostela. Em seguida atravessamos um bosque, caminhando pela sombra e sem vento, mas a “boa vida” durou pouco e logo voltamos à dura realidade da subida, de novo sob sol forte.

Um pouco à nossa frente, caminhava um casal de alemães. A mulher estava esgotada, muito vermelha, andando bem devagar e com dificuldade. O homem falava alto e gesticulava como se estivesse brigando com ela. De repente apressou o passo e deixou-a para trás. Quando a ultrapassamos, percebemos que ela estava chorando. Um pouco mais à frente ela iria perceber que não era a única naquele sufoco.

O trecho em que nos encontrávamos era especialmente difícil, uma subida muito íngreme, com piso cheio de pedras soltas e sem sombra. Eu seguia uns dois metros à frente da Rosana e, quando olhei para trás, vi que ela estava chorando. Paramos, nos abraçamos e choramos juntos. Ela por estar cansada, com dores nas pernas e se sentindo culpada por ter dado a idéia de começarmos em Saint Jean e eu, por vê-la triste e desanimada. Ela estava ficando cada vez mais preocupada, achando que não conseguiria chegar. Sugerí que rezasse e pedisse ajuda e ela respondeu, chorando, que já estava fazendo isso há muito tempo, pedindo ajuda até às borboletas que passavam perto dela. Mas a única opção que tínhamos naquele momento era caminhar, não parar e não ficarmos nos culpando pelas decisões tomadas. Aquela tinha sido uma escolha nossa e não tínhamos que nos arrepender nem questionar nada. Tínhamos, sim, que continuar andando para cumprir nosso objetivo de chegar a Roncesvalles. Estávamos recebendo o primeiro grande ensinamento do caminho, que nos mostrava que era hora de enfrentar a situação, não fraquejar e nem pensar em desistir diante das dificuldades, pois elas estão lá justamente para serem superadas. Aceitar e superar desafios e limites que nós mesmos nos impomos era a lição do dia.

Estávamos lá, no meio da trilha, abraçados e chorando quando a moça alemã passou por nós. Parece que ela entendeu que aquilo não estava sendo difícil só para

ela, tanto que sorriu para nós e desejou buen camino.

Caminhamos mais um bom pedaço até chegarmos a um platô, onde estavam sentados alguns peregrinos. Um deles apontou para baixo e, em meio a vivas e aplausos de todos, falou: vocês chegaram, lá está Roncesvalles! E avistamos os telhados das construções do lugarejo em meio às copas às árvores que formavam o bosque que estava à nossa frente. Retiramos as botas, desabamos no gramado e ficamos por ali um bom tempo, aplaudindo e saudando os peregrinos que chegavam. O tal alemão que deixou a mulher na trilha já estava lá. Logo que a sua companheira chegou, nem deixou que ela descansasse. Seguiram logo pela trilha do bosque e, para nossa tristeza e consternação, a moça mal começou a descer, levou um tombo e nem sequer foi socorrida pelo companheiro. Não os vimos mais depois dali, mas espero sinceramente que ela o tenha abandonado no caminho e na vida.

Tínhamos que concluir nosso percurso e ainda faltava um bom pedaço, agora em descida. Optamos por descer por uma calçada romana evitando o belo, mas difícil caminho pelo bosque, já que as nossas condições físicas não permitiam que fizéssemos mais nenhum esforço além do mínimo exigido.

Despencamos morro abaixo, serpenteando por uma descida que acabou de liquidar com os nossos pés e joelhos. A calçada era uma sucessão interminável de “S” onde andávamos de um lado para outro uns trinta metros e passávamos sempre dois metros abaixo da perna do “S” de cima. Na nossa frente iam uns peregrinos que resolveram cortar caminho descendo em linha reta pelo mato e pelos barrancos. Fizemos o mesmo e os que vinham atrás de nós também. Era mais rápido, mas também bem mais perigoso. Para torcer um tornozelo ou um joelho num daqueles buracos sob a grama não custava nada.

Foi nessa descida que encontramos o Alessandro, um jovem italiano de Genova, que se tornou mais um dos nossos amigos do caminho. Da metade da descida em diante, seguimos com ele e chegamos juntos a Roncesvalles exatamente às quatro da tarde, depois de caminharmos durante nove horas para transpor o trecho mais difícil do Caminho de Santiago.

O albergue de Roncesvalles é administrado por voluntários holandeses e tudo é muito limpo e organizado. Tomamos banho e, por incrível que pareça, depois daquele dia extenuante, ainda lavamos roupas. Quando saímos para comer, por volta das sete da noite, vimos chegando a portuguesa que encontramos perto da Fonte de Roldán.

Jantamos em companhia de dois italianos, Piero e Enzo, marinheiros aposentados, muito simpáticos e falantes, como bons italianos. Para quem estava desde a

manhã do dia anterior sem comer comida de verdade, só pão, a refeição de sopa de entrada e trutas com batatas fritas, acompanhados por um bom vinho e sorvete de sobremesa, foi um banquete. Conversamos numa mistura de português, espanhol, italiano e inglês e nos entendemos razoavelmente bem. Achamos interessante a curiosidade deles em relação à política no Brasil, especialmente ao governo do Lula.

Sáímos do jantar direto para a missa na linda igreja de Roncesvalles, celebrada por vários padres, com canto. No final, um ritual de benção dos peregrinos, feito desde o século XII e que nos levou às lágrimas.

Fomos dormir cansados, mas muito felizes. O primeiro dia e a primeira e mais difícil etapa estavam chegando ao fim.